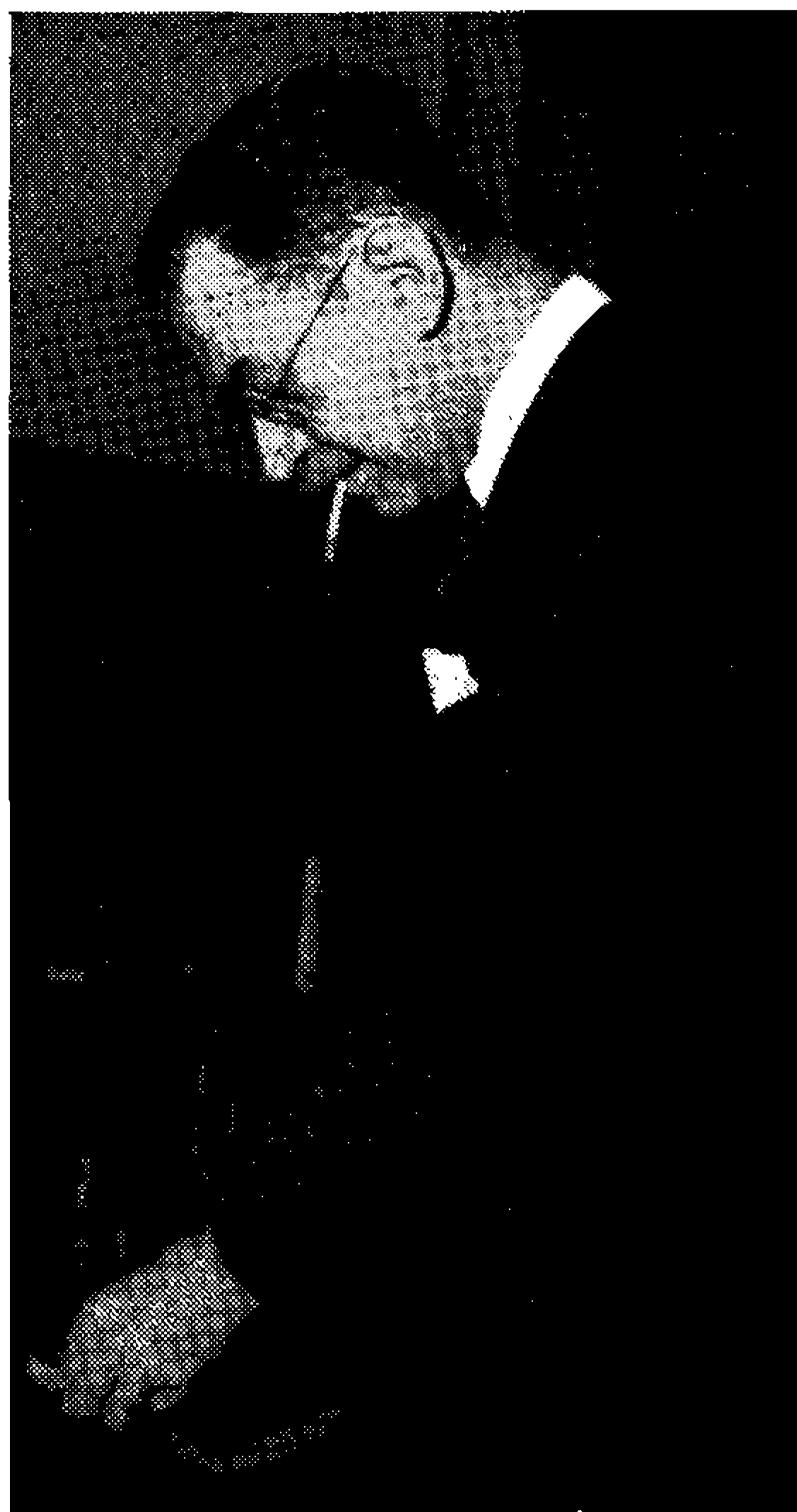


IN MEMORIAM

DR. JOÃO CARLOS NOGUEIRA PENIDO

João Carlos Nogueira Penido, cujo falecimento constituiu grande perda para o Instituto Oswaldo Cruz, honrou Mangueiras com a sua nobre tradição e devotada capacidade científica. Descendente de ilustre tronco: pelo lado paterno dos Penidos de Juiz de Fora e pelo lado materno dos barões de Itaípe, nasceu o Dr. Penido a 6 de março de 1902 na cidade de Juiz de Fora. Iniciou seus estudos no Colégio Progresso, no Rio de Janeiro e, em 1914, prestou exames no Colégio Pedro II, terminando os preparatórios em 1918, em Campinas. Matriculando-se no ano seguinte, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro onde, por sua lúcida inteligência e alto nível intelectual, fez o 1.º e 2.º ano médico em um só, já como acadêmico fôra nomeado para exercer o cargo de assistente do Laboratório Médico-Legal; em 1923 diploma-se em medicina. Dotado de invulgares qualidades pessoais o Dr. Penido tivera uma sólida formação de humanidades e uma educação que o tornava do mais agradável convívio. Após um curto período de atividade nos serviços de assistência e profilaxia anti-venérea da Fundação Gaffrée Guinle, iniciou suas atividades profissionais, em 1923, como membro da Seção Médica da Comissão de Estudos da



Estrada de Ferro Brasil-Bolívia. Nessa qualidade permaneceu durante cerca de ano e meio na região de Corumbá-Pôrto Esperança e partes vizinhas da Bolívia, tendo como centro de pesquisas o acampamento instalado em Pôrto Esperança. Aí, além da assistência médica aos membros da Comissão e à população local, o Dr. Penido dedicou-se à colheita de material

parasitológico que foi mais tarde objeto de seus trabalhos em colaboração com Aristides Marques da Cunha. Versaram êsses trabalhos, sobretudo, o estudo dos mixosporídios parasitos da vesícula biliar dos peixes do Rio Paraguai. De volta ao Rio de Janeiro, em 1926 foi ocupar a posição de assistente contratado do Instituto Oswaldo Cruz, onde retomou os estudos que vinha fazendo sobre Protozoologia, mais tarde passando a se encarregar do Laboratório de Sorologia. Seus estudos médicos realizados sem a preocupação de exagerada especialização, permitiam-lhe abordar com eficiência os mais diversos campos de atividade médica. Sua curiosidade científica não tinha limites e ia desde os problemas da imunologia e da bacteriologia até o da prática clínica geral e em diversas especialidades.

Tendo grassado, no Rio de Janeiro, em 1928, uma epidemia de febre amarela, Dr. Penido trabalhou dia e noite no Hospital Oswaldo Cruz pesquisando aspectos da doença, tendo deixado de seus estudos registrados os resultados em uma de suas publicações. No mesmo Hospital trabalhou sobre doença de Chagas. Foi uma primeira vez a Lassance em 1927 e uma segunda vez, em 1933, para observar doentes de tripanosomiase, no foco clássico em que a doença foi descoberta. Em 1931 é designado pelo diretor, Professor Carlos Chagas, para professor de bacteriologia do Curso de Aplicação do Instituto Oswaldo Cruz, também tendo lecionado bacteriologia, em 1932, na Escola de Medicina e Cirurgia. Membro honorário da Associação Médica do Instituto Penido Burnier, em Campinas, em 1935 apresentou o relatório dos

trabalhos da seção de Etiopatogenia do Centro Internacional de Leprologia. Em 1936 partiu para vários países da Europa onde realizou estudos de suas especialidades. Em 1938, com o Dr. José de Castro Teixeira, viajou pelo interior de Minas Gerais onde havia febre amarela de forma silvestre que atraía as atenções e preocupações da Saúde Pública. Como delegado do Brasil compareceu ao Congresso Internacional de Microbiologia, que se realizou em Nova Iorque, de 2 a 9 de setembro de 1939. Aproveitou essa viagem para visitar o Instituto Oceanográfico de Woods Hole, de onde trouxe planos de aquários marítimos para instalação do laboratório de Hidrobiologia na Ilha do Pinheiro, onde supervisionou a primeira montagem, fazendo construir na ilha uma comporta para uma restinga, que depois levou o seu nome e foi destinada à criação de espécimes da flora e da fauna marítimas da enseada, num pequeno lago e viveiro natural. Continuou frequentando por muito tempo a Ilha do Pinheiro, interessado não só nos problemas de Biologia marinha como no da criação dos macacos utilizados nos estudos de febre amarela e virologia. No mesmo ano tomou parte nos estudos sobre a Lagoa Rodrigo de Freitas, tendo sido publicadas então as primeiras observações biológicas sobre essa lagoa, no seu novo regime de marés, anexadas a dados de salinidade e clorêtos. Em 1941 toma parte num trabalho que, apesar de inicial em técnica, foi o primeiro feito no Brasil sobre criação de *pitus*, camarões de água doce; êste marca o primeiro passo para que futuramente se venha alcançar técnica carcícola para êste magnífico

alimento. Em 1941, designado para fazer pesquisas científicas em São Paulo, aproveitou para visitar Piraçununga. Em 1943 recebeu elogio oficial do Ministro da Marinha pelos serviços prestados a algumas praças vindas do norte, atacadas de enfermidade dos olhos, que não pudera antes ser diagnosticada, embora tivessem sido convidados a examinar os enfermos vários especialistas. Nessa ocasião, na certeza de que a enfermidade não era contagiosa, pediu ao seu colega, hoje Almirante Médico Armando Stuardt que o inoculasse com o material dos doentes, mas recusando êste, pediu a outro e, afinal, depois ordenou a um enfermeiro que o fizesse. Assim provara (não temerariamente para êle, porque tinha certeza do diagnóstico, mas temerariamente para outros, que ainda não admitiam ser a doença não contagiosa) com possível risco de sua vida, ou de sua saúde, que não estava fundamentada a hipótese de moléstia infecto-contagiosa, que se suspeitava até aquêle momento. Raras vêzes narra-se tal fato nos anais da medicina, fazendo-se Penido, por tal gesto merecedor dos maiores encômios.

Em 1947 foi nomeado Capitão Médico do Exército de 2.^a linha. Em 1951 fêz o curso de Microscopia Electrônica e Electronmicroscopia do Instituto Oswaldo Cruz.

Sendo o seu ambiente intelectual e enciclopédico, muito contribuiu para auxiliar os colegas, explicando tudo o que perlustrava nos vários ramos de saber. Nunca deixou de atender, sempre com a sua peculiar delicadeza, a todos os doentes que procurassem consulta médica, quer em seu laboratório particular de análises clínicas, quer no laboratório de Manguinhos. Características marcantes de sua personalidade não são as dos especialistas que vão ao âmago do assunto, mas dos que dispõem de muitíssimos recursos intelectuais e estão preparados para abordar problemas que repentinamente os possam surpreender.

Os esforços dêsse querido colega, professor e amigo, que acabamos de perder, não foram e não serão perdidos, permanecerão sempre na nossa lembrança e coração.

Durante a sua cruel e dolorosa moléstia, aceitou o sofrimento com a maior calma e tranqüilidade, com tal estoicismo que causou admiração a todos, pois não teve uma palavra, nem qualquer gesto de revolta. Veio a falecer a 19 de novembro de 1959.

Sentimos a impressão de cumprir um triste e grato dever ao reafirmarmos que a sua memória jamais se apagará em Manguinhos.

Lejeune de Oliveira.